

**DA ESCOLA À FÁBRICA: RELATOS DE EX-ALUNOS DA ESCOLA PROFISSIONAL
DE FRANCA SOBRE A ORIGEM DE SUAS EMPRESAS NO SETOR
DE MÁQUINAS PARA CALÇADOS¹**

From the school to the factory: reports from former students who attended the professional school in Franca about the origin of their own companies majored in making machines for the shoe industry.

Cacilda Comássio Lima²

RESUMO

O artigo mostra a partir do relato de ex-alunos da Escola Profissional de Franca, a influência do ensino profissional no desenvolvimento da economia da cidade de Franca-São Paulo na segunda metade do século XX destacando especialmente ex-alunos do curso de mecânica que na esteira do crescimento da indústria calçadista, desenvolveram indústrias de máquinas para calçados. Desde sua criação em 1924, a escola teve um papel importante na formação de mão-de-obra especializada na área de mecânica e marcenaria influenciando o aparecimento de oficinas de serviços de pequenas fábricas, tendo à frente ex-alunos da instituição. Contrapondo-se a uma interpretação recorrente nos estudos sobre história do ensino profissional que procuram mostrar o processo de moralização do operário, esta abordagem de cunho regional procura evidenciar na análise de uma realidade específica, singularidades que muitas vezes escapam aos estudos generalizantes sobre o tema.

Palavras-chave: Ensino Profissional; Educação e Trabalho; Ensino e Qualificação Técnica.

ABSTRACT

The article shows the influence of the professional education for the development of the economy in the city of Franca - SP during the second half of the 20th (twentieth) century. It is based upon reports from former students of the “Escola Profissional de Franca” with special attention to those who had attended the course on mechanics. They were the ones to develop industries of machines for the shoe factories during their growth. Since 1924, when the school was founded, it has always had an important role, graduating students majored either in mechanics or carpentry, enabling them to work with special labor, which influenced on the opening of the first small garages and small factories. This study opposes to a current interpretation on studies about the history of the Professional education which tend to show the process of morality of the work force. This approach of regional aspect tries to highlight the analysis of a specific reality with particular aspects which have often been overlooked by general studies about this topic.

Keywords: Professional Education, Education and Labor, Education and Technical Qualification.

¹ Texto revisado apresentado sob forma de comunicação no VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação realizado na Universidade Federal de Uberlândia, nos dias 17 a 20 de Abril de 2006 em Uberlândia-Minas Gerais.

² Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de Franca). Professora do Instituto Superior de Ensino de Paraíso. Contato: cacacomassio@yahoo.com.br.

Introdução

O ensino de ofícios no Brasil sempre carregou o estigma de um ensino voltado aos pobres, aos negros e o trabalho manual associado à escravidão, colaborou para perpetuar o preconceito e descaso com esta modalidade de ensino (CUNHA, 2000) e, ao mesmo tempo, propagar o caráter dualista da educação no Brasil, ou seja, o ensino propedêutico estava destinado à elite e o ensino de ofícios voltado às classes menos favorecidas.

O discurso sobre o ensino profissional por toda Colônia e Império apresentava o caráter de antídoto para a vadiagem e marginalidade e era oferecido por entidades religiosas e de caridade. Somente a partir da República quando o desejo de progresso acompanhou o processo de urbanização e industrialização, fez-se necessário tomar medidas na área de educação como meio de promover o desenvolvimento do país e, nesse contexto, a educação profissional ganha destaque. A criação das Escolas de Aprendizes Artífices em 1909, embora não apresentasse características muito diferentes das escolas de ensino profissional já existente, representou um primeiro passo para a organização de um sistema nacional de ensino que proporcionaria a sistematização do ensino de ofícios. No entanto, a descentralização, com os estados organizando seus próprios sistemas escolares, iria prevalecer até 1930.

Em 1910, o governo do estado de São Paulo, criou uma rede estadual de escolas profissionais, instalando inicialmente duas escolas na capital e, na década de 1930, cerca de oito unidades funcionavam em várias cidades do interior como Amparo, Campinas, Franca, Jacareí, Santos, Ribeirão Preto, Rio Claro e São Carlos³. Com essa medida, o governo do estado de São Paulo procurava contribuir com a formação de mão-de-obra qualificada como fomento ao processo de industrialização. Segundo Carmen Morais (1990), a difusão do ensino profissional visava e criava condições para a acumulação de capital através do controle da formação e reprodução da força de trabalho.

Quando se deu a instalação da escola profissional de Franca, o município contava com uma população de pouco mais de 40 mil habitantes e um precário sistema de ensino. A economia da cidade estava baseada na produção de café e na pecuária, atividade que deu origem ao povoamento da localidade no final do século XVIII com a vinda de mineiros à procura de pastagens para o gado (CHIACHIRI FILHO, 1978). A abundância de gado na região deu origem aos curtumes e ofereceu farta matéria-prima, que propiciou o desenvolvimento do artesanato do couro.

O artesanato do couro é, portanto, a origem mais remota da indústria de calçados, atividade predominante da economia da cidade nos dias atuais. Os trabalhos que tem procurado estudar o processo de industrialização em Franca demonstram que, a consolidação da cidade como pólo calçadista deu-se com empresas iniciadas por imigrantes providos de pequenos capitais e que foram ampliando seus empreendimentos ao longo do tempo (BARBOSA, 2004, p. 23). Nesse contexto, a escola profissional foi adquirindo importância ao fornecer mão de obra especializada nas áreas de mecânica

³ Atualmente essas escolas estão vinculadas ao Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza.

de máquinas, marcenaria e fundição, atividades auxiliares no desenvolvimento da indústria (TOSI, 1998), bem como na dinamização da economia local.

Os cursos oferecidos pela escola influenciaram no aparecimento de oficinas, pequenas fábricas fundadas por ex-alunos para atender a demanda de serviços que foi surgindo com o crescimento da cidade.

Uma sondagem informal feita no início da pesquisa com pessoas com mais de sessenta anos sobre o que primeiro lhes ocorriam ao pensar na escola industrial localizada no centro da cidade, mostrou que a maioria das pessoas ressaltava o fato da escola ter vivido um período áureo em que técnicos formados pela escola se empregavam facilmente em grandes empresas na capital e citavam também nomes de ex-alunos que constituíram empresas na cidade, como os irmãos Poppi, produtores de máquinas para calçados, o Sr. Ivo Freitas, da Ivomaq, que produz também máquinas para calçados, do Sr. Antônio Rocha, fundador da Fábrica de bombas hidráulicas Rochefer, do Sr. Hugo Bettarelo, fundador da Fábrica de Calçados Agabê, entre outros.

O próximo passo da pesquisa foi entrevistar esses ex-alunos (alguns já falecidos e, portanto, utilizou-se o depoimento de filhos ou netos que administram a empresa) com a finalidade de estabelecer pontos em comum nesses depoimentos, no que diz respeito à formação que receberam na escola profissional, como a escola influenciou em suas escolhas profissionais, na constituição de suas empresas, enfim, como a escola estava presente em suas memórias.

Nesse texto nos ocuparemos especificamente das empresas de produção de máquinas para a fabricação de calçados, fundadas por ex-alunos nas décadas de 1960 e 1970. Esse período foi de grande crescimento da indústria calçadista, e de certo modo, podemos dizer que o setor de máquinas ao mesmo tempo, beneficiou-se como também, colaborou para esse desenvolvimento.

No entanto, embora o objetivo do texto seja ressaltar o papel da escola na diversificação da economia local com o surgimento de algumas empresas, deve-se ressaltar que os casos de alunos empresários constituem-se na verdade exceções, haja vista que a orientação do ensino profissional visava tão somente a formação de mão de obra qualificada para a indústria e como acentua a historiografia sobre o assunto, a racionalização baseada nos princípios Tayloristas passou a dominar o discurso de educadores a respeito do ensino profissional desde o início do século XX, culminando com a criação do sistema Senai/Senac (WEINSTEIN, 2000), escolas de aprendizagem industrial que trouxeram novo conceito de formação profissional baseada na especialização do aprendiz em uma determinada tarefa. As escolas profissionais do estado de São Paulo foram criadas em meio a esse debate e a formação especializada era vista com ressalvas por Aprígio Gonzaga, responsável pela Superintendência do ensino profissional que apostava numa formação integral do aluno que lhe possibilitaria uma formação mais completa no aprendizado de um ofício.

Na análise específica da realidade da Escola profissional de Franca a questão da formação parece ter sido fundamental na constituição das empresas fundadas por ex-alunos como veremos nos depoimentos. A seguir apresentamos os relatos de três ex-alunos da escola profissional que se especializaram em máquinas para calçados.

Poppi Máquinas e Equipamentos

A empresa Poppi Máquinas e Equipamentos é de propriedade de três irmãos: Delmo, o mais velho; Célio e Francisco, os três ex-alunos da Escola Industrial. Quem nos concedeu a entrevista foi o Sr. Célio, que nasceu em 1940, em Cristais Paulista, cidade vizinha de Franca, neto de italianos, o pai do Sr. Célio era dono de um pequeno empório em Cristais. Em 1952, Sr. Célio e Sr. Delmo deram início ao curso na Industrial. Nos primeiros seis meses de curso, viajavam todos os dias de Ônibus e depois passaram a morar no Internato da Escola. Sobre este período no internato, conta o Sr. Célio.

[...] eu fiquei uns três anos no internato, lá por ser internato, nós tínhamos uma disciplina maior, não era assim uma disciplina de sargentão, horário direitinho, quem faltava ia ser chamado na diretoria... mas era uma disciplina de escola, lá a gente recebia refeição, café e estudo, nós só íamos aos sábados pra casa[...].

Segundo Sr. Célio, embora seu pai pudesse, mesmo com dificuldade ter proporcionado um curso secundário no Colégio Champagnat para os filhos, preferiu incentivá-los a fazer um curso na Escola Profissional e isso tinha um objetivo muito claro:

[...] a nossa meta era obedecer ao critério do meu pai, ele dizia o seguinte: eu nunca fui empregado e gostaria que vocês não fossem... então vocês se preparem para serem patrão [...]

A noção de que o ensino profissional poderia dar uma formação que possibilitaria ao aluno abrir seu próprio negócio parecia uma alternativa razoável para filhos de imigrantes como o pai de Sr. Célio, que não se adaptaram ao trabalho da lavoura e procuraram se estabelecer com um negócio próprio na cidade. Sr. Célio confessa que a escolha pelo curso de mecânica foi mais para atender ao desejo do pai.

[...] nós escolhemos porque meu pai falou: ‘vocês precisam estudar, fazer alguma coisa’, agora essa vocação de mecânica a gente quando iniciou a gente não tinha muito não... aí foi uma coisa que despertou na gente, começamos a aprender a gostar daquilo, porque já havia nessa época aulas teóricas e práticas [...]

Segundo Sr. Célio, o sistema rotativo de frequência às oficinas despertava o interesse e a curiosidade do aluno.

[...] bom, no primeiro ano você ficava 15 dias na fundição, depois 15 dias no estágio, 15 dias naquelas máquinas de torno, 15 dias de fresa, depois voltava, nós tínhamos aula de manhã de geografia, história, desenho, ciências, matemática, aula de religião, aula de música [...].

O curso durava ao todo 4 anos e mais um ano de mestría que Sr. Célio chegou a cursar, mas nunca colocou em prática “[...] que minha vocação não era de professor, minha vocação era mais para trabalhar mesmo, se dedicar [...]”.

Depois do curso na Industrial que correspondia ao antigo curso ginásial, Sr. Célio fez um curso de contabilidade em outra escola de Franca, mas segundo ele não para exercer, mas para ter noção da contabilidade em uma empresa.

Quando terminou o curso na industrial, Sr. Célio já pensava em abrir um negócio, mas até ter dinheiro suficiente para comprar um tomo, Sr. Célio trabalhou primeiro numa oficina em Franca que se chamava Balola Barini e o Sr. Delmo no Amazonas, indústria de artefatos de borracha. A oportunidade de fazer um teste para trabalhar na Scania em São Paulo, foi a primeira vez que Sr. Célio pôs a prova o aprendizado que havia recebido na Escola Industrial:

[...] eu cheguei na sala tinha uns dez concorrentes, tinha que fazer as respostas, um teste de mecânica mesmo, realizar cálculo de engrenagem, de repente passou lá uma meia hora, mais ou menos o examinador falou 'deixa eu ver a sua prova' e disse 'você pode esperar na outra sala' pensei 'eu fiz alguma coisa errada, acho que bombei, não é possível, que vergonha'!... tinha interpretação de desenhos, faltava ainda completar umas três perguntas... depois de uns 20 minutos veio outro rapaz e sentou perto de mim... olhamos para sala todos indo embora, tinha uns dez só nós dois passamos... graças a minha escola Industrial, porque lá as respostas é só teórica não estava na prática, aí eu entrei pra fábrica pra fazer a prática. Eu me daí muito bem naquela empresa a ponto deles me oferecerem chefia para não voltar pra Franca [...].

As escolas técnicas estaduais eram referência principalmente no interior em qualificação técnica e prova disso era a fácil inserção no mercado de trabalho, após o término do curso:

[...] aqueles que formaram naquela época olha todos eles se deram bem, aqui mesmo na fábrica tenho funcionários que formaram comigo, aposentaram aqui, quer dizer deram homens de bem, na minha época não teve uma pessoa de lá que depois se saiu mal na vida [...].

Segundo Sr. Célio essa boa formação em parte devia-se às instalações da escola que contava com bom maquinário e chegava a ser superior às primeiras instalações do Senai, que chegou na cidade na década de 70: “[...] as instalações da escola eram boas pra época, depois ficou defasado a ponto que o Senai era tão pequenino perto da Escola Industrial e hoje o Senai ta bem na frente [...]”

Segundo o Sr. Célio, o período que permaneceu em São Paulo trabalhando na Scania contribuiu para aprimorar sua prática profissional:

[...] a gente tinha vindo de São Paulo e tinha tido contato com máquinas modernas, indústria de automóveis, caminhões, ônibus e aquelas máquinas deu muita visão e uma experiência acima daqueles que trabalhavam aqui, tanto é que quase todos aqueles fecharam que tinham torno, uma oficina fecharam [...].

Quando voltou de São Paulo Sr. Célio e seus irmãos deram início à firma Antônio Poppi e Filhos. Na garagem do pai, que nessa época já havia se mudado para a Avenida Presidente Vargas em Franca

[...] quando voltei de São Paulo já queria trabalhar por conta, eu já tinha uma máquina que nós estávamos pagando e compramos mais um torno e começamos a trabalhar numa pequena oficina de 3 metros por 10, que nós abrimos na garagem do meu pai, e aí começou fazendo conserto de máquinas, em Franca tinha poucas fábricas de calçados [...].

Com a expansão dos negócios, os Irmãos Poppi adquiriram com recursos próprios um imóvel antigo próximo à Avenida, em 1966 a firma passou denominar-se Poppi Máquinas e Equipamentos.

[...] A Poppi aí surgiu a indústria de máquinas mesmo, que nós fazíamos conserto, reforma... aí começamos a fazer umas máquinas de nossa idéia, às vezes uma máquina muito antiga, fomos melhorando [...].

O impulso para que os negócios prosperassem veio com uma viagem que Sr. Célio fez a Itália. Essa viagem deu-se no início de 1968 quando os irmãos Poppi haviam construído um barracão que haviam adquirido e a empresa contava com doze funcionários.

[...] a eu queria ver a tecnologia, porque como as máquinas são importadas não tinha fabricante no Brasil, lá no sul tinha alguém fabricando, mas o que eles faziam nós também fazíamos, mas essa ida minha lá abriu os horizontes muito grande pra gente, porque além de você ver o estágio que eles estavam eu consegui pegar umas quatro máquinas e representar, eu vendia as máquinas, e a gente recebia uma comissão [...].

Embora a parceria com a indústria italiana fosse promissora, o governo desse período tomou medidas que dificultaram as importações. Segundo Sr. Célio, o governo passou a exigir um depósito no valor equivalente ao produto importado o que tomava inviável a importação, embora as máquinas vendessem bem por não terem concorrentes no Brasil. Foi quando Sr. Célio fez uma proposta a empresa italiana:

[...] a única saída que nós temos é fabricar a máquina de vocês, caso contrário vai ficar muito caro e ninguém vai querer comprar... aí eles me deram uma licença para fabricar aquele tipo de máquina, seria uma licença de know-how... nós fazíamos uma máquina que eliminava o trabalho de 12 homens, então minha venda foi fabulosa. Nessa época ganhei muito dinheiro, compramos fazenda, propriedades e construímos o pavilhão que estamos hoje [...].

O contrato com a firma italiana era a princípio uma licença de fabricação por 4 anos e acabou durando 12 anos, a partir daí a Poppi passou a investir em know-how próprio.

[...] nós fizemos uma coisa, o know-how alemão tinha uma parte boa, então nós pegamos a parte boa da máquina da Alemanha e pegamos parte boa da máquina italiana e fizemos a máquina nossa, surgiu a máquina Poppi... depois disso não tivemos mais nenhum know-how pago, o know-how é nosso mesmo [...].

A partir da década de 80 a Poppi já não mantinha contrato com firmas estrangeiras e para criar um know-how próprio a empresa mantém uma equipe trabalhando exclusivamente neste sentido. A empresa já tem 40 anos, se contar o início na garagem do pai em 1963. Para Sr. Célio, para uma firma se manter no mercado por tanto tempo tem que unir seriedade e competência:

[...] uma empresa que nasce, se ela não é honesta ela não dura 10 anos, algo de bom ela tem que ter para existir. Costumamos dizer que somos do tamanho do mercado, se o mercado ta baixo nós também abaixamos [...] nos últimos anos se não fosse a exportação talvez nós teríamos até fechado, quando as vendas aqui estão fracas forçamos a venda na exportação, quando a venda ta boa, aqui a gente segura a exportação [...] e a gente é idôneo e tem procurado manter os compromissos com qualidade do produto e também se minha máquina está obsoleta não adianta eu querer vender que ele não vai comprar [...].

Atualmente a Poppi mantém uma filial no sul do país e exporta principalmente para o México, Argentina e Peru. A empresa já chegou a empregar 380 funcionários e hoje com a automação conta com 150 funcionários. Para que um operário seja admitido é necessário que ele tenha um curso profissionalizante. Sr. Célio tem consciência do papel de sua empresa no crescimento industrial da cidade.

[...] eu acho que alguma coisa de bom a gente fez por Franca, porque é difícil uma fábrica que não tenha várias máquinas minbas... a gente contribuiu não só para a cidade mas com o Brasil, também eu acho que como um apoio à indústria, eu acho que Franca não estava com essa força no sapato se fosse a Poppi, eu acho que ela serviu de apoio, de estrutura para esse pessoal, nós seguimos o crescimento deles tá certo... conforme a evolução deles nós íamos fabricando máquinas mais sofisticadas, acompanhando essa subida [...].

Ivomaq Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos

A Ivomaq é também uma empresa que tem origem no empreendimento feito por ex-alunos da Industrial, os irmãos Ivo e Manuel Rodrigues de Freitas que nasceram no município vizinho de Ibiraci – MG, respectivamente em 1928 e 1934. A entrevista foi concedida por Edson Freitas filho do Sr. Ivo - já falecido - que foi o primeiro a iniciar o curso. O sr. Edson também foi aluno do Industrial e acompanhou a trajetória do pai na formação da empresa e na função de professor de prática em mecânica e desenho técnico da escola profissional.

Segundo o relato do Sr. Edson, o incentivo para que seu pai desse início ao curso na Industrial veio de uma habilidade do Sr. Ivo, que foi notada por alguém da família:

[...] ele fazia canivetes, com pernas de louça, de chifre ou de madripérola, era um negócio caprichado [...] ele tinha muita habilidade para desenho... daí o padrinho dele falou: -'Você precisa estudar no Industrial. Aí então ele saiu da roça, menino sozinho [...].

Sr Ivo morava com a família na fazenda do avô e até os dezesseis anos ajudava nos trabalhos da lavoura. Veio para Franca para cursar mecânica e após terminar o curso foi para São Paulo cursar mestrado, pois nessa época o curso de mestrado ainda não era oferecido na Industrial. Quando retornou Sr. Ivo começou a lecionar na cidade de Casa Branca e depois veio para Franca. Já instalado em Franca, Sr. Ivo abriu uma oficina com o irmão Manuel que havia seguido os passos do irmão e também havia feito o curso de mecânica. A oficina do Sr. Ivo passou por vários imóveis alugados no centro da cidade, até que ele recebeu um terreno em troca de serviços e o negócio começou a crescer. A princípio a oficina fazia apenas prestação de serviços e assistência técnica, reparos e peças de reposição. Para abrir a oficina Sr. Ivo não contou com ajuda financeira, nem mesmo dos pais:

[...] pra começara oficina, não teve ajuda financeira... pelo contrário ele é que ajudava os pais porque eles tinham passado por problemas financeiros, ele era rico e perdeu tudo, avaliou um amigo e perdeu tudo[...] daí ele teve que começar do nada mesmo [...].

Dessa forma, o início da empresa contou apenas com a dedicação do sr. Ivo desde quando ainda era estudante:

[...] ele já estudava, trabalhava nas horas de folga, e foi iniciando a empresa desta forma [...] ele primeiro montou a oficina, aí ele foi consertando e ele tinha o ganho ali, e ali ele fazia uma máquina mas com aquele capital mesmo, era uma ou outra, ele demorava mais de um mês para construir uma máquina [...] Então, a empresa teve dificuldade neste sentido, ele era de pequenas posses, e, não tinha possibilidade de tirar financiamentos, então ele começou devagarzinho [...].

Aos poucos a oficina foi crescendo e um aspecto curioso fez parte da história da empresa. Por ser professor na escola, Sr. Ivo foi compondo o quadro de funcionários de sua empresa selecionando entre os alunos, aqueles que demonstravam maior habilidade nas aulas:

[...] durante um bom período da história da Ivomaq, todos os funcionários nossos eram recrutados da escola, do industrial. O meu pai era o professor de mecânica de lá e, já pegava os melhores alunos [...] Então a história da empresa foi surgindo desta forma: precisa de um funcionário, meu pai já escolhia os melhores alunos dele, e colocava na empresa [...].

Sr Edson reconhece que a indústria mecânica surgiu e se beneficiou do crescimento da indústria calçadista e que o papel da escola industrial foi justamente preparar esse caminho:

[...] quando surgiu o Industrial, Franca não tinha a força do calçado técnico, depois é que surgiu, fortaleceu [...] ou seja, preparou as empresas pro calçado, não tinha indústria de máquina, daí surgiu nossa empresa, surgiu os Poppi [...].

Enquanto a indústria mecânica Poppi produz alguns tipos de máquinas para calçado como o balancim (máquina para cortar couro), a Ivomaq se especializou em máquinas para costurar solado (blaqueadeira), a partir da adaptação de um modelo mais antigo desse tipo de máquina, feita por Sr. Ivo:

[...] Para costurar solado mesmo, a blaqueadeira, só nós que produzimos nas Américas. Depois tem na Europa, tem na Ásia, mas sempre foi nosso principal produto, um produto que alavancou e [...] inclusive foi criação do meu pai. Existiam as blaqueadeiras aranha, um modelo mais antigo, ele criou uma máquina, e continua vendendo até hoje [...].

Segundo o relato do Sr. Edson quando a empresa já estava produzindo seu pai passou a representar máquinas importadas alemãs e italianas para completar a linha de produtos oferecida pela empresa no mercado nacional, mas esse tipo de parceria nunca foi plenamente satisfatório e como a fábrica atingiu grande excelência em produção de máquinas de costura, convênios com outras empresas foram abandonados. Atualmente a Ivomaq exporta cerca de 20% da produção para países da América Latina e tem projeções otimistas para se manter no mercado:

[...] hoje, nós somos especialistas em máquinas de costura, surgiu neste período todo, colas potentes, mas nada substitui a costura. E esse é o princípio básico nosso, porque nada substitui a costura. E dentro disso daí, nós temos um planejamento estratégico, estudamos em detalhe nossas oportunidades, que rumo nós vamos trabalhar nos próximos 5 anos [...].

A Fábrica que surgiu em 1962 já chegou a ter 200 funcionários e hoje conta com 135, e mesmo após a morte do pai os filhos continuaram fiéis aos critérios de contratação de funcionários utilizados por Sr. Ivo, procuravam dar preferência para alunos formados na escola Industrial:

[...] eu como técnico, sempre dei preferência às pessoas que tinham formação industrial no período mais antigo, por quê? Porque os cursos eram de três ou quatro anos de duração, tinha uma estrutura bem montada [...] que foi se deteriorando [...] em compensação o Senai foi ganhando, crescendo, moderníssimo com tecnologia, com desempenho [...] mas com uma formação especializada que não forma quase nada [...].

A maioria dos operados da fábrica tem pelo menos 10 anos de casa, para garantir o abastecimento de mão de obra especializada, a Ivomaq mantém um centro de treinamento dentro da empresa que atende aos treineiros que futuramente serão contratados como funcionários, como também oferece treinamento para operários encarregados de manutenção de máquinas provenientes de outros estados.

O Sr. Ivo era, segundo sr Edson, um apaixonado pela escola, mesmo depois que sua firma expandiu e começou a dar lucro ele não abandonou suas aulas até se aposentar na década de 1980. O Sr Ivo vivenciou o período áureo da escola e acompanhou também o processo de decadência que a escola passou a partir da década de 1970:

[...] Durante muitos anos, o meu pai tinha que comprar matéria-prima e levar porque lá não tinha sustentação. Ele falava assim para a empresa: 'me manda duas barras de ferro porque aqui não tem, eu preciso ensinar e não tem' [...] ele trazia porque já não tinha com o que trabalhar [...] era uma escola diferente mesmo, porque o pessoal dava a vida por aquilo ali.

O Sr. Ivo conseguiu que seus dez filhos seguissem seus passos e fizessem cursos na industrial, A empresa tem atualmente 13 sócios, o sr Manuel e dois filhos e os dez filhos do sr. Ivo e para evitar conflitos entre os sócios, nos últimos anos a empresa criou um acordo societário que estabelece regras detalhadas da sociedade:

[...] de um período para cá nós profissionalizamos a empresa [...] e isso ajudou a empresa a ter um período mais longo [...] porque é difícil uma empresa sobreviver 40 anos e viver em harmonia [...].

Induserv

Senhor Ibirá de Carvalho é também um ex-aluno da escola Industrial que chegou a montar uma indústria de máquinas para calçados. Sr. Ibirá nasceu em Cássia, Minas Gerais, em 1938, seu pai era motorista, a mãe costureira e, em 1919, passaram a residir em Franca. Sr. Ibirá deu início ao curso na Industrial em 1952 e foi contemporâneo do Sr. Célio e do Sr. Delmo Poppi. Sr. Ibirá já morava em Franca quando deu início ao curso e não fez uso do Internato; mas, segundo seu relato, as classes tinham cerca de 40 alunos e metade desses alunos vinham de fora, pois, pelo fato de oferecer internato, a procura pela escola de Franca era grande.

Sr. Ibirá começou a fazer o curso na Industrial porque seu irmão já estudava lá, o irmão fez o curso de mestría e foi professor da Escola Técnica de Batatais. Sr. Ibirá não quis fazer o curso de mestría:

[...] Eu não fiz o curso de mestría por condição financeira, eu já estava com dezoito anos, já tava mocinho com namorada e não queria saber de estudar mais dois, três anos [...].

Embora o curso de mestría representasse também a possibilidade de emprego, a maioria dos alunos optava por trabalhar. Segundo Sr. Ibirá, na sua época, grande parte dos alunos estudavam pensando na possibilidade de tentar abrir a própria firma, após trabalhar um tempo para adquirir prática. Assim que se formou, Sr. Ibirá trabalhou em várias firmas em Franca que já não existem mais:

[...] Na Virgílio Pólo eu trabalhava com enrolamento de motor, naquele tempo consertava-se muita geladeira que não tinha peça de reposição, a gente fazia as peças e eu fui ganhando experiência, já no Balola Barini ele já fabricava máquinas para curtume, então lá eu era um torneiro mecânico de peças pesadas e aí depois eu fui trabalhar na Scania em São Paulo [...].

Quando retomou de São Paulo para Franca em 1961, Sr. Ibirá começou a trabalhar como mecânico de máquinas muna fábrica de calçados e foi nessa fábrica que conheceu a indústria alemã de máquinas de calçados PFAFF:

[...] o pessoal da PFAFF de São Paulo vinham uma ou duas vezes por mês pra dar manutenção, como eu trabalhava numa fábrica que só tinha máquinas PFAFF eu fui aprendendo e fiz amizade com os mecânicos [...] quando essa fábrica acabou em 1967 eu fiz 4 meses de aperfeiçoamento em São Paulo, depois vim para Franca como mecânico e me tornei vendedor para a PFAFF [...].

Com a experiência que adquiriu com a venda de máquinas, Sr. Ibirá percebeu que podia melhorar alguns modelos e acreditou que o aluno começasse a adquirir essa experiência desde a escola Industrial, onde aprendia a “enxergar a máquina melhor”. Foi através dessa observação que Sr. Ibirá adaptou colunas na máquina de costurar calçados:

[...] quando a máquina é reta, não tem mobilidade, na coluna você tem espaço pra subir, descer do outro lado, ou seja, manipulação da peça costurada [...] hoje são máquinas eletrônicas, corta a linha sozinha, essa máquina hoje seria bastante primitiva, mas elas costumam, estão trabalhando até hoje [...].

A princípio Sr. Ibirá tentou arrumar empréstimos em bancos para fabricar essas máquinas sozinho:

[...] Eu fui ao Banco do Brasil, mostrei meu plano e como se fosse hoje me ofereceram mil reais como capital de giro, eu pensei mil reais não dá para comprar nem uma furadeira, então fiquei sujeito ao que a PFAFF me propôs [...].

Sr. Ibirá recebeu uma proposta da PFAFF para produzir as máquinas de coluna e viu que era um negócio vantajoso porque não teria que se preocupar com o capital de giro da empresa:

[...] as primeiras máquinas que nos fabricamos nós pusemos o nosso nome Induserv, aí a PFAFF veio aqui e viram que o produto era bom então eles compraram de nós [...] eles mandavam a máquina reta eu fazia ela ficar grande máquina de coluna e devolvia para eles e eles vendiam como deles [...].

Quando fechou esse acordo com a PFAFF, Sr. Ibirá experimentou um grande crescimento na produção:

[...] nós chegamos a produzir 120 máquinas mês, era um número altíssimo [...] o que eu agüentasse produzir podia produzir que eles ficavam com tudo [...].

Entre 1978 e 1994, Sr. Ibirá industrializou máquinas para a PFAFF e chegou a empregar 50 funcionários. No entanto, a concorrência de máquinas mais modernas que entraram no mercado fez com que Sr. Ibirá passasse para o ramo de bordados, embora continue até hoje como representante autorizado de peças das máquinas PFAFF.

Considerações Finais

Ao explorar o depoimento de ex-alunos que montaram empresas em Franca o texto procurou demonstrar a influência da escola profissional na expansão da economia da cidade, ressaltando a importância da abordagem que privilegia a história local ao explorar a diversidade de experiências históricas de cada região (BARBOSA, 1999) que contribuem com elementos que muitas vezes escapam a uma análise mais geral sobre o tema.

Os depoimentos revelaram pontos em comum. Os entrevistados são de origem humilde, descendentes de imigrantes e buscavam no ensino profissionalizante uma oportunidade de conseguir trabalho, muito embora desde os tempos de escola pensassem na possibilidade de montar o próprio negócio, uma vez que havia um campo a ser explorado, dado o desenvolvimento da indústria calçadista.

Os entrevistados atribuem grande peso à formação que receberam da escola profissional para o desenrolar de suas vidas profissionais e para o desenvolvimento de suas empresas. Para estes alunos, o aprendizado na escola profissional não se limitava ao saber manusear uma máquina, mais do que isso aprendiam a ter domínio de seu funcionamento, o que lhes propiciou pensar na melhoria de alguns modelos.

Como vimos, está presente nos depoimentos dos entrevistados a consciência de sua participação no desenvolvimento industrial de sua cidade com as empresas que montaram, bem como, a importância do ensino profissional em fomentar esse desenvolvimento.

Referências

CHIACHIRI FILHO, José. **Do Sertão do Rio Pardo à Vila Franca do Imperador**. Ribeirão Preto: Ribeira Gráfica, 1986.

CUNHA, Luiz António. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata**. São Paulo: Ed. UNESP: Brasília, DF: Flacso, 2000.

BARBOSA, Agnaldo. **Política e modernização do interior-paulista**. Dissertação (Mestrado em História). Franca: FHDSS/UNESP, 1998.

_____. **Empresário fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920 - 1990)**. Tese (Doutorado em Sociologia). Araraquara: FCL/UNESP, 2004.

MORAIS, Carmen Sylvia V. **A socialização da força de trabalho: Instrução popular e qualificação profissional no estado de São Paulo - 1873 a 1934**. 1990. Tese (Doutorado em Sociologia)- FFLCH-USP, São Paulo, 1990.

TOSI, Pedro. **Capitais do interior**: Franca e a história da indústria coureiro-calçadista (1860-1945). Tese (Doutorado em Economia). Campinas: UNICAMP, 1998.

WEINSTEIN, Bárbara. **(Re)formação da classe trabalhadora no Brasil, 1920-1964**. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Cortez: CDAPH-IFAN - Universidade São Francisco, 2000.

Recebido em setembro de 2008

Aprovado em novembro de 2008